

Um dos principais problemas no relacionamento entre as pessoas é a falta de jeito no falar.

Nem todos conseguimos escolher a melhor forma de dizer algo que gostaríamos de dizer, e por isso surgem os desentendimentos.

Façamos uma comparação bem simples que poderá nos ajudar a resolver esse problema.

Imaginemos que uma pessoa que esteja com um sério problema de saúde, vá consultar um médico. O que ela espera? Certamente, que ele combata sua enfermidade e lhe restitua a saúde, não é mesmo?

Mas, se ao contrário, o médico comesse a atacar o paciente, o doente, o que aconteceria? No mínimo diríamos que esse médico é louco.

Pois bem, na relação entre as pessoas acontece algo semelhante. Quando percebemos algum problema no comportamento de alguém, partimos para a agressão ao problemático e não ao problema.

Se nosso filho, por exemplo, age de forma incorreta, o que fazemos? Chamamos o garoto e o atacamos com agressões verbais, diretamente à sua pessoa.

Ao invés de combater o problema em si agredimos seus sentimentos, suas emoções, sua personalidade.

Quando a criança deixa suas roupas sujas jogadas no banheiro, qual é o problema? A roupa jogada. Então, numa conversa, devemos tentar evitar que isso ocorra novamente, e para tanto não resolverá chamar a criança de relaxada, de descuidada, de irresponsável.

Se nosso filho está usando drogas, devemos envidar todos os esforços para que ele deixe disso, e de nada vale chamá-lo de fraco, de doente, de mau caráter. Ao contrário, essa atitude o fará se sentir ainda mais dependente.

Se alguém sente ciúme, inveja, ódio, e queremos ajudar esse alguém, devemos atacar os maus sentimentos, e não o indivíduo.

Em qualquer situação, quando atacamos o enfermo em vez da enfermidade, estamos incentivando a baixa auto-estima da pessoa, estamos dizendo que ela é o problema, que ela é incapaz, que é um zero à esquerda.

Mas quando a fazemos refletir sobre o problema, sobre o vício, sobre os desregramentos, as chances de resolver a questão são bem maiores.

Dizendo à criatura que ela tem problemas, é diferente de dizer que ela é o problema. Demonstrando que queremos ajudá-la a superar as dificuldades, ela sentirá em nós um aliado, e não um inquisidor.

Quando nossa filha tem uma crise de ira, e depois nos sentamos ao seu lado e buscamos um diálogo sincero e afetuoso sobre o assunto, fazendo-a refletir sobre os inconvenientes da liberação desse sentimento, dos efeitos físicos maléficos que acarretam, temos grande chance de lograr êxito.

Quando oferecemos o antídoto, o remédio contra a ira, que é a calma, a tranquilidade, a benevolência, estamos no caminho certo.

Mas se, ao contrário, nos iramos também e a agredimos com palavras amargas, só reforçaremos a sua atitude.

Por todas essas razões, vale a pena direcionar nossa mira para o alvo certo, atacando a enfermidade em vez do enfermo.

Estamos na era da razão e não podemos mais continuar errando o alvo. Já não há mais espaço para a negligência quanto à auto-educação e a educação dos seres que estão sob nossa responsabilidade. É preciso dedicar esforços e buscar esclarecimentos para que a nossa ação seja efetiva e traga bons resultados.

A Terra é uma escola. Todos os que aqui estamos precisamos ajudar-nos mutuamente para o progresso geral.

É preciso que voltemos nossos olhares para os verdadeiros males sociais, que são o orgulho e o egoísmo, combatendo-os sem trégua.

Uma vez abatidos esses males, a humanidade estará apta a receber o troféu mais valioso de todos os tempos: a felicidade suprema.

(Texto da Equipe de Redação do Momento Espírita)